

## **A Guerra da Tarifa**

Muitos documentários logo serão produzidos, e provavelmente livros serão publicados, sobre aquilo que foi – ou está sendo – a maior revolta e movimento popular desde que esta cidade passou a ser chamada de Florianópolis. Embora ainda pare uma incerteza sobre a conquista da reivindicação central deste levante popular, pretendo aqui fixar as palavras no papel eletrônico antes que se percam da minha memória, sem a ambição de fazer qualquer análise ou relato detalhado do que aconteceu nessas duas últimas semanas.

Foi a maior revolta ou movimento popular da história das últimas oito décadas desta cidade porque conciliou quantidade (adesão), formas contundentes de ação direta e um certo nível de organização e consciência. Uma revolta que não se expressou em simples fúria, que se esgota em si mesma, mas sim principalmente na forma de um movimento organizado horizontalmente, multifacetado, ligando principalmente, mas não somente, associações comunitárias e estudantes.

Para entender a gênese desse “movimento contra o aumento das tarifas de ônibus”, sem irmos muito longe, teríamos que destacar a situação atual do transporte coletivo em Florianópolis e o contexto político em que ele se estabelece, assim como as atividades que vem desenvolvendo algumas associações comunitárias e principalmente a Juventude Revolução Independente (JRI) e a Campanha Pelo Passe Livre, puxada pela JRI há quatro anos.

### **Do Buzu à Revolta**

Era o dia 5 de março deste ano, e fui ao Centro Integrado de Cultura (CIC) assistir o vídeo *A Revolta do Buzu*, que seria exibido naquela noite, atração principal do lançamento da *Campanha pelo Passe Livre 2004* (veja fotos e matéria sobre o evento de lançamento em [http://www.sarcastico.com.br/1pags/arq\\_capa/passelivre2004.php](http://www.sarcastico.com.br/1pags/arq_capa/passelivre2004.php)). O documentário tratava da revolta, primordialmente estudantil, que paralisou Salvador por três semanas contra o aumento da tarifa de ônibus. Revolta essa que teve um caráter autônomo, apartidário, sem líderes...

Cerca de quarenta pessoas estavam naquela sala, naquele dia. Não poderia imaginar que aquelas pessoas ali, boa parte com cerca de metade da minha idade, iriam pôr a cidade de pernas para o ar alguns meses depois, ou serem tão fundamentais para tudo que ocorreu nas duas últimas semanas em Florianópolis.

Após a exibição do vídeo, discussão sobre as insuficiências do movimento de Salvador, dos seus erros e acertos, e do porquê não terem conseguido alcançar a reivindicação central que era baixar a tarifa de ônibus. Em linhas gerais, o que se poderia concluir é que faltara um certo nível de organização. A experiência de Salvador deixou claro também que o movimento deveria estar muito atento a indivíduos politiquieiros, principalmente de organizações estudantis, que pretendem se passar por representantes do movimento (e que muitas vezes caem de pára-quedas depois que o povo já está nas ruas), pois em seu nome eles acabam negociando em gabinetes propostas totalmente estranhas à vontade popular. Depois do dia 5 de março *A Revolta do Buzu* seria passado em escolas de toda Florianópolis e a JRI/Campanha pelo Passe Livre se esforçaria como nunca para organizar e criar esse momento.

Em junho de 2003 a JRI fizera uma análise da situação político-social em Florianópolis, que orientou seus esforços futuros:

“Hoje em dia uma das grandes formas de arrecadação de capital “legal” e sob a exploração de operários e da população, é o transporte coletivo privado, ilegal, feito sem licitação, sem transparência, favorecendo as empresas ligadas à família Amin que estava no poder - o marido no Governo do Estado a esposa na prefeitura. Com poderes no aparelho de Estado, nas instituições políticas, na justiça, os donos do transporte coletivo criaram todas as condições “legais” para super-explorar o transporte da cidade, um dos mais caros do mundo! Esse tipo de situação esmaga a população e provoca grande indignação de amplos setores que fazem utilização do transporte coletivo. Nesses últimos três anos levamos a campanha do passe-livre que foi um importante primeiro passo, no sentido de enfrentar os donos do transporte coletivo. Hoje estamos aptos a pressionar essa reivindicação até a vitória. Se pretendemos realizar uma atividade militante focada, é contra esse setor que devemos concentrar nossos esforços. É na luta contra o transporte municipal que poderemos incendiar a população contra os setores mais atrasados, oligárquicos que se mantêm na condução e na divisão da exploração:

- Guerra aos exploradores do transporte coletivo em Florianópolis.
- Mobilização e paralisação no dia da inauguração do Sistema Integrado, e de um possível reajuste.
- Levantar a discussão do transporte coletivo municipal e público, sob o controle do Estado”.

A guerra da tarifa que ocorreu nas últimas semanas em Florianópolis não foi mero fruto de espontaneísmo. Ele é sempre um componente de qualquer revolta ou levante popular, mas sem encontrar uma organização, a revolta e o espontaneísmo se perdem em ações e protestos isolados. Foi o esforço de organização e a preparação a que se dedicou a JRI principalmente, em especial no último ano, que possibilitou que a revolta e indignação popular pudessem encontrar uma articulação e ter continuidade de modo a pôr em xeque a prefeitura e impedir o aumento da tarifa.

O trecho da JRI acima transcrito praticamente resume o que se precisa saber sobre a situação do transporte coletivo em Florianópolis e o contexto político em que ele se dá. Acrescentemos ainda que a prefeita Ângela Amim é sócia da maior empresa de transporte urbano da cidade (fato que nenhum órgão da imprensa burguesa jamais pontuou em toda essa discussão). Uma oligarquia comanda Florianópolis e Santa Catarina há várias décadas, formada durante a ditadura militar, e que ao mesmo tempo é envolvida com uma verdadeira máfia que controla o transporte coletivo, que elege políticos, e que funda o principal poder econômico da cidade. Em agosto de 2003 foi inaugurado um novo sistema de transporte coletivo na cidade, com vários terminais construídos, e que se quer integrado. Além da tarifa ter aumentado na sua inauguração, o sistema claramente foi projetado para racionalizar os custos e aumentar os lucros das empresas, sem consideração pelo tempo e conforto do usuário, chegando ao absurdo de ter sido implementado baldeação em linhas que anteriormente eram diretas, para bairros próximos ao centro. Descrever todos os absurdos, do ponto de vista do usuário, do novo sistema de transporte ocuparia algumas páginas. Já na sua inauguração houve alguns protestos, ônibus queimados aqui e acolá, terminais fechados acolá e aqui, mas nada que tenha ido além de conseguir que algumas linhas voltassem a operar. Faltara talvez um grande chamado, um grande esforço preparatório, algo que desse uma cara de movimento, algo a que se identificar e uma articulação...

A revolta contra o atual aumento da tarifa liberou também a revolta acumulada contra o novo sistema de transporte. Quanto ao preço, para se ter uma idéia, mesmo com a tarifa tendo voltado ao valor anterior, muitos trechos de até dez ou doze quilômetros são percorridos de forma mais barata de carro (preço de um litro de gasolina) do que de ônibus, mesmo com apenas uma pessoa no carro!!!

## **A JRI**

A Juventude Revolução Independente surge da desvinculação da Juventude Revolução de Florianópolis com a corrente trotskista *O Trabalho* e com o próprio PT. A JRI passa a ter uma postura apartidária, autonomista e libertária (alguns exemplos disso são sua postura diante do sistema eleitoral, a prática do consenso ao invés do centralismo democrático, e uma postura ética infelizmente rara na extrema-esquerda). A própria percepção da impossibilidade de mobilizar a juventude a partir de concepções bolcheviques a levaram a se distanciar dessas concepções. Hoje,

a JRI não se define como trotskista, leninista, marxista, ou anarquista... mas simplesmente como *revolucionária*. Em certo sentido, a guerra da tarifa mostrou a capacidade e a adequação de concepções políticas e organizativas historicamente associadas ao anarquismo. Isso é claramente percebido até por bolcheviques locais. Nenhum partido ou organização bolchevique teria conseguido preparar, fomentar e catalisar tal mobilização, principalmente em meio à juventude.

Os filhos de comunistas, ao voltarem para casa depois de um dia de manifestação, invariavelmente tinham que ouvir broncas de seus pais leninistas, com coisas do tipo: “que merda vocês estão fazendo! Falta direção...! Parece coisa de anarquista!”.

## **Dia 28 de Junho**

Dia 22 o Conselho Municipal votou o aumento de 15,6% das tarifas de ônibus, que passariam a ser as mais caras do Brasil, e num sistema terrivelmente ruim. A Campanha pelo Passe Livre convocou uma grande manifestação contra o aumento para o dia 28 de junho, segunda-feira, um dia após a entrada em vigor das novas tarifas. O ato deveria ocorrer durante todo o dia, culminando às 17h em frente ao terminal do centro (TICEN).

A avenida Paulo Fontes, em frente ao TICEN, foi fechada pelos manifestantes nos dois sentidos. O terminal de Canasvieiras (TICAN) foi fechado durante toda a manhã pela comunidade local, com a polícia chegando a intervir em favor dos manifestantes e contra os seguranças privados do terminal que investiam contra esses. Provavelmente outros terminais também foram fechados nesse dia pelas comunidades locais, mas isso já se perde da minha memória. De qualquer forma, basta pesquisar em [www.midiaindependente.org](http://www.midiaindependente.org). A comunidade do norte da ilha demonstrou ser a mais combativa, talvez por ser a mais prejudicada, tendo que pagar tarifa de 3,00 reais para qualquer locomoção. O fechamento do TICAN, ou a tentativa de fecha-lo, foi uma constante em todos os dias de manifestações. A polícia chegaria a instaurar toque de recolher em Canasvieiras.

O fechamento da avenida Paulo Fontes se tornaria rotina também. Os outros terminais também seriam fechados por manifestantes nos dias subsequentes por períodos diferentes e com maior ou menor frequência. A avenida Mauro Ramos também foi fechada em alguns dias.

Em frente ao TICEN a grande maioria era estudante, principalmente secundarista de escolas públicas. Naquela segunda-feira eu estava me sentindo quase um pai ali no meio. Esse perfil fez a

mídia, não sem alguma razão, associar o movimento a estudantes. Eles realmente foram parte fundamental do movimento, sua linha de frente, principalmente nas manifestações que ocorreram no centro da cidade. E tratava-se sobretudo de estudantes secundaristas. Os universitários, com todo seu discurso empolado e sua aura histórica de contestação, em certo sentido foram meros coadjuvantes em relação aos mais novos.

Naquele dia, a frente do TICEN parecia um grande espaço de socialização da juventude, num clima sereno.

Por volta das 17:30h os manifestantes, algumas centenas, se dirigiram à ponte Colombo Sales, que liga a ilha ao continente. A polícia acompanhou, não quis deixar que ocupássemos todas as pistas da ponte. Mas por fim conseguimos, sem que a polícia reagisse com violência. E ficamos ocupando a ponte por volta de meia hora. O tráfego ilha-continente foi desviado para duas pistas da ponte Pedro Ivo. Para quem não conhece a cidade, as pontes que ligam a ilha ao continente são tão ou mais estratégicas a Florianópolis quanto as marginais a São Paulo.

À noite os manifestantes que se encontravam em frente ao TICEN se dirigiram à câmara de vereadores, e acabaram a invadindo, em meio a uma sessão que acabou sendo suspensa. Além da questão do transporte coletivo, os manifestantes pressionaram os vereadores sobre o aumento de salário de 150% que eles haviam concedido a eles mesmos e de 275% à prefeita. Depois de alguma negociação os manifestantes se retiraram da câmara com a garantia de que os vereadores sairiam também à rua para conversar com a população. Mas apenas cinco deles tiveram a coragem.

No dia seguinte eles fizeram um abaixo-assinado pedindo que a prefeita não sancionasse o projeto de aumento de salário que eles mesmos haviam aprovado, e o criador do projeto disse à imprensa que não sabia onde estava com a cabeça quando havia pensado em tal aumento. O bafo do povo na nuca dos vereadores teve efeito imediato. O aumento foi então indeferido. Nada como uma boa e contundente ação direta de massa para pôr cabeças no lugar.

Na rua, com a presença dos vereadores que saíram da câmara, ficou agendada uma reunião para quarta-feira, às 15h, no Núcleo de Transportes, com mediação da câmara de vereadores, entre os manifestantes e o Núcleo para se tentar resolver o impasse das tarifas.

Terça-feira, dia 29 de junho, as manifestações tiveram continuidade. Nesse dia um grupo de manifestantes invadiu a prefeitura, sendo retirado à força pela polícia. De madrugada três ônibus foram incendiados na Caieira do Sul. Pela distante localização suspeita-se que tenha sido a

mando da própria empresa Insular, para tentar “incriminar” o movimento. De qualquer forma, teria sido a maneira mais idiota e ineficiente de enfraquecer o movimento – provavelmente o ocorrido teve o efeito contrário.

Para a prefeitura (PP) e para a mídia, a polícia estava muito “boazinha” com os manifestantes. O diretor do Núcleo de Transporte chegou a declarar que colocaria o exército na rua (sic). É o hábito da ditadura.

Além da concentração em frente ao TICEN e a ocupação da Avenida Paulo Fontes, as próprias saídas e entradas do TICEN eram com frequência obstruídas durante os dias de manifestação, fazendo com que as empresas tivessem que improvisar locais de embarque e desembarque fora dos terminais. O sistema de transporte coletivo estava caótico, e perdendo usuários.

### **Dia 30 de junho**

As manifestações e bloqueios de terminais continuam. A SC-401, que dá acesso ao norte da ilha, é fechada por manifestantes durante a semana. Operações catraca-livre (porta de trás aberta) também são parte das ações diretas. Ela se torna rotina na UFSC, aonde a empresa de transporte Transol chega a colocar seguranças no ponto de ônibus mais movimentado para impedir a entrada pela porta de trás.

No início da tarde de quarta-feira, dia 30, alguns manifestantes tentam fechar a avenida Paulo Fontes também na altura da rodoviária e são brutalmente agredidos pela polícia. Um estudante, sangrando na cabeça é preso, e por ser cardíaco acaba parando no hospital.

Em passeata os manifestantes que estão no centro se dirigem ao Núcleo de Transportes, localizado em um prédio na avenida Rio Branco. A polícia nos acompanha, utilizando até mesmo um helicóptero. Ao chegar lá alguns manifestantes tentam entrar no prédio, mas são impedidos pela polícia. Ficamos na rua ocupando a avenida. O presidente da câmara de vereadores e mais um vereador aparecem. Não é montada comissão para negociar com o Núcleo de Transportes. A lição de Salvador foi muito bem aprendida. Os manifestantes redigem sua reivindicação em assembléia e a enviam através dos vereadores: nada mais nada menos que a redução da tarifa ao valor anterior (já tremendamente cara). Os vereadores voltam com a resposta. O Núcleo de Transportes é intransigente, diz que não vai baixar a tarifa. Então é declarado que a mobilização

continua. A resposta do movimento não poderia ser outra, mas àquela altura eu não apostaria muitas fichas que conseguiríamos ter força para fazer a tarifa baixar, ainda mais que a prefeitura se mostrara de uma intransigência a toda prova. Tinha receio de que nos dias seguintes a mobilização perdesse força.... Mas a queda de braço tinha sido lançada.

Quando voltávamos ao TICEN, Marcelo Pomar, da JRI e um dos líderes/porta-voz do movimento, foi preso por policiais à paisana ao se afastar da manifestação para dar uma entrevista. Há pelo menos um ano ele já estava sendo perseguido judicialmente – a máfia dos transportes também conta com um braço no judiciário. Pesando diversas acusações sobre ele e um interdito proibitório, resquício da ditadura que o impede de participar de manifestações públicas. Solto no mesmo dia, mas sob a condição de não participar das manifestações, proibição essa que pesa sobre ele nos próximos dois anos. Como se não bastasse Marcelo foi ameaçado de morte, e foi aconselhado por um vereador amigo e pelo Secretário de Segurança Pública do Estado a sair de circulação. Era uma oligarquia bandida, construída na ditadura e o interesse capitalista que envolve milhões de reais por mês que estava sendo ferido.

Voltamos a nos concentrar diante do TICEN, ocupando as duas pistas da Paulo Fontes. Nunca tivemos problemas com a polícia para obstruir essa avenida naquela altura. O TICEN estava virando uma espécie de antitotem, reunindo uma juventude em torno dele, uma juventude que não tem lá muita coisa a fazer ou excitante numa cidade como Florianópolis. Lembrava-me a estátua Lieverdje, na praça Spui em Amsterdã, antitotem em torno do qual surgiu o movimento Provos nos anos 60, com seus *happenings* e confrontos com a polícia.

Alguns problemas ocorreram desde segunda-feira em frente ao TICEN. Adolescentes que foram chutados na cara, que receberam spray de pimenta etc. Por vezes havia tentativa por parte de manifestantes de invadir o terminal. Na quarta, após um aroma de spray de pimenta no ar, resolvi fazer minha refeição, já com a garganta temperada. Na esquina da lanchonete encontrei alguns compas sentados, gazeando a revolução.

Voltando ao antitotem, o clima era um tanto tenso. P2 e capangas contratados pela Cotisa (o consórcio das empresas de transporte da cidade) eram constantes entre os manifestantes em todos os dias. Esses capangas, seguranças contratados para causar tumulto e tensão na manifestação, jogavam rojões no meio de nós e na polícia. Em dias posteriores a própria polícia prendeu alguns deles. Um segurança de uma boate revelou que alguém lhe havia oferecido dinheiro para desempenhar esse trabalho sujo mas não aceitara, e que reconheceu alguns de seus companheiros

de profissão entre os manifestantes. Procurou redes de TV para fazer tal denúncia mas, obviamente, não era tema que interessava a grande imprensa local, totalmente empenhada em exigir repressão aos manifestantes e apoiar a prefeitura e os bons lucros dos capitalistas.

Além da polícia, era uma verdadeira milícia armada que a população insurgente teria que enfrentar. Os seguranças dos terminais, fardados e vinculados à empresa de segurança Ondrepsb, certamente estavam ganhando um bom extra para agir da forma como estavam agindo, jogando inclusive rojões no meio de manifestantes. Alguns deles foram também presos pela polícia portando arma de fogo. O uso de coquetéis molotov e a explosão de latões de lixo pela cidade fizeram parte do repertório da milícia das empresas/prefeitura, com o intuito provável de provocar pânico na população e maiores medidas repressivas contra o movimento.

Seria no anoitecer de quarta-feira, dia 30, que ocorreria o primeiro grande confronto com a polícia. Rojões estouravam no meio dos manifestantes em frente ao TICEN e na polícia que o separava dos manifestantes. Pedras e rojões eram atirados contra ela. Vi um dos que jogaram um rojão. Fui dar uma bronca, porque um avanço da polícia iria machucar as pessoas que estavam na frente, despreparadas, e não ele que covardemente jogava a bomba de trás. Não acho que ele estava sendo pago para fazer aquilo, mas não é descartável tal hipótese. Acho que era um popular, certamente não de classe média, que queria expressar sua indignação de alguma forma, e via ali uma oportunidade. Enfim a polícia avançou, quem era pego era espancado... espancado até a delegacia e mesmo depois de ser solto. Bomba de gás lacrimogêneo, bomba de efeito moral, bala de borracha, cães, tropa de choque, corre-corre, e eu com minha bicicleta amarela. Cidadãos respeitáveis de classe média que passavam pelas imediações do mercado público aconselhavam que jogássemos as pedras por cima do camelódromo, para ficarmos protegidos. Mas eu dizia que apenas alguns poucos estavam atirando pedras. Uma adolescente está desmaiada no chão, provavelmente efeito do gás. Um compa me oferece vinagre, não, vinagre é para a salada... Finalmente algo excitante na cidade e a última coisa que eu quero agora é que o vinagre tire o cheiro da guerra de classes.

O pessoal finalmente dispersa. A avenida Paulo Fontes continua obstruída pela polícia, apesar de não estarmos mais lá, o que me faz realmente achar que o motivo do avanço da polícia foi dispersar a manifestação para que eles – policiais – não fossem alvo de pedras e rojões. Afinal, todos os outros dias a polícia nunca tentou ou quis nos retirar dali.



Populares indignados com a brutalidade policial, centenas deles, ocuparam as imediações da Paulo Fontes em frente ao TICEN e começaram a xingar e gritar contra a polícia e os comandantes. Foi bonito ver isso... no fundo era todo o povo que se manifestava, era difícil separar manifestantes da população. Algum tempo depois os estudantes voltaram para frente do TICEN.

As cenas do confronto fizeram as manifestações ganharem novamente o noticiário nacional, e ao contrário do que se poderia imaginar, fizeram com que mais pessoas aparecessem no dia seguinte.

### **Dia 1 de julho**

Ao contrário do que eu apostaria no início da semana, o movimento aumentava a cada dia que passava. Cinco mil pessoas fecharam os túneis que ligam o centro ao Saco dos Limões e depois fecharam as duas pontes que ligam a ilha ao continente por cerca de vinte minutos. O trânsito no centro, e conseqüentemente na cidade, estava caótico, assim como o transporte coletivo.

Nesse dia resolvi deixar a bicicleta em casa, até porque ameaçava chuva, e ir ao centro de ônibus para sentir como estava o trânsito e o clima dentro dos ônibus. Entrei por trás sem pagar. As pessoas reclamavam do caminho que havia feito o motorista, não desviando das áreas paradas e congestionadas. Ouvei alguns populares dizerem algo que já havia ouvido desde o primeiro dia de manifestações: que depois de aumentada a tarifa não adianta protestar. Seria entre as pessoas paradas no trânsito que evidentemente poderia se encontrar mais opiniões e resmungos contra as manifestações. Mas tratava-se acima de tudo de uma reivindicação alicerçada no desejo e indignação de praticamente toda população. Não era incomum ouvir casais que passavam dizerem para nós que “tem que queimar todos os ônibus” e coisas do tipo. Muitos transeuntes sempre pararam para dar ao menos apoio moral. E com o passar dos dias foram aparecendo pessoas novas, que não haviam aparecido nos dias anteriores. Depois que a “revolução” já começou é fácil ser “revolucionário”. Muita gente de sindicato, ou pessoas mais velhas de esquerda e de esquerda mais velha, ou mesmo alguns jovens mais acomodados, sentindo que o movimento não era uma coisa qualquer, mas estava sacudindo a cidade e tinha fôlego,

começaram a aparecer nas manifestações. O único sindicato que esteve desde o dia 28 participando ativamente através de alguns militantes foi o SINTUFSC.

As manifestações começaram a atrair também os jovens que vivem nos morros – elas começaram a contar com verdadeiramente todos os segmentos da população. Certamente foi o teor radical das ações diretas e até mesmo o confronto com a polícia que atraíram os jovens que moram nos morros do centro e imediações. Certamente não seria uma passeata com algodão doce que faria eles aparecerem.

Cheguei às 17h horas no TICEN, já chovendo. Antes de sair da Plataforma A percebi que não havia seguranças nela, e estudantes aproveitavam para passar por baixo da catraca, motoristas e cobradores se divertindo com a situação. Ouvia-se estouros nas outras plataformas e corre-corre. A gurizada estava pintando e bordando. Praticamente não se via polícia.

Saí para a Paulo Fontes, fechada ao trânsito de automóveis. Uma adolescente estava desmaiada no chão, nada incomum naqueles dias. Não vi polícia. Não havia grande concentração de manifestantes, mas eles circulavam... a sensação era de que a cidade era nossa, realmente nossa. Um ônibus velho foi estacionado em frente ao TICEN, área liberada pelos manifestantes. Parecia ser proposital, um boi de piranha esperando para ser apedrejado. Logo os manifestantes perceberam isso, ninguém atirou pedra. Um companheiro gesticulava para que o motorista desse ré e saísse dali porque seria apedrejado. Um guarda municipal apareceu, pediu desculpas ao companheiro e instruiu o motorista a dar ré e sair dali. Até a “polícia” estava pedindo desculpa para a gente naquela altura!! Foi uma cena cômica.

Se não me engano foi nesse mesmo dia que foi formada uma Comissão de Mães e Pais Pró-Movimento. E a OAB tomou a iniciativa de convocar e mediar uma negociação entre o movimento e a prefeitura. A primeira reunião iria acontecer na sua sede, na tarde do dia seguinte.

## **Dia 2 de julho**

Quando cheguei ao centro, em frente ao antitotem, fiquei sabendo que durante a madrugada mais de vinte ônibus da empresa Canasvieiras haviam sido depredados, alguns incendiados.

Um grupo de cerca de 150 manifestantes havia se dirigido à OAB, para a tal reunião. Outro havia ficado em frente ao TICEN. A concentração ali foi aumentando, como em todos os dias, à medida que chegava o fim da tarde.

Para mim foi uma tarde tensa. Conseguimos identificar alguns capangas que jogavam bombas no meio dos manifestantes ali concentrados. Era uma situação pouco tranqüila, parecia que algo poderia estourar (e literalmente estourava) ou alguma coisa ruim acontecer a qualquer momento. Era necessário estar sempre atento. A própria manifestação, ou o próprio antitotem TICEN, estava atraindo gente de todo o tipo, o que inclui porras-loucas de plantão, piromaníacos e um povo a fim de fazer algazarra acima de tudo.

Como sempre, em torno da minha bicicleta amarela apareciam duas figurinhas simpáticas, dois garotos que deveriam passar o dia perambulando pelas ruas, um negro e um índio. Estavam sempre descontraídos, mesmo em um clima que eu considerava por vezes tenso. Imagino que o clima de repressão e violência é o do dia-a-dia do pobre que vive nas ruas, espanado como uma sujeira de todos os lugares. Provavelmente não havia nada diferente para eles ali do que o perigo do dia-a-dia. Muito provavelmente ali eles estavam até mais seguros do que normalmente. Os dois garotos eram talvez o melhor exemplo do futuro do Brasil, e ao mesmo tempo mostravam seu passado no seu rosto, nos seus traços, na sua cor de pele.

Com a volta daqueles que haviam ido à OAB e com a grande concentração que se formava lá pelas 18h, as cerca de quatro mil pessoas resolveram ir à ponte. Dessa vez a idéia não era parar na ponte, mas ir por uma e voltar pela outra, ocupando todas as pistas de cada uma. Foi ao todo uma hora e meia de travessia, e mais uns quinze ou vinte minutos em que as duas pontes ficaram fechadas. A polícia parou o trânsito para que entrássemos na ponte Colombo Sales. Achei tenso também o percurso. Gente infiltrada certamente havia, fora atitudes incoseqüentes que poderia surgir de dentro da manifestação. E em cima da ponte o resultado de um corre-corre poderia ser catastrófico.

Quando estávamos na metade do retorno à ilha, pela ponte Pedro Ivo, centenas de motoqueiros e motoboys alucinados vêm ao nosso encontro, por trás. E eu estava bem ao fundo da manifestação. Em polícia nunca dá para confiar... eles teriam liberado o trânsito com a gente ainda em cima da ponte? E para completar, nas palavras de Skárnio, “a situação se agravou quando uma ambulância partiu da Ilha para o continente [em meio à passeata], provavelmente para abrir caminho ou para recolher possíveis feridos em uma ação friamente calculada, pois o veículo estava vazio” ([www.sarcastico.com.br](http://www.sarcastico.com.br)). Tivemos que fazer um cordão de isolamento e parar de caminhar para nos protegermos dos motoqueiros que queriam a todo custo furar a

passateia e passar. Era uma situação muito tensa e quase surreal. Uma centena de motoqueiros acelerando desesperadamente e tentando forçar passagem.

Depois de cerca de dez minutos apareceu o capitão da polícia e um policial para contornar a situação. Prosseguimos e voltamos à frente do TICEN. O sinal talvez mais evidente de que as manifestações contavam com vários segmentos da população, era o fato de algumas câmeras de vídeo e máquinas fotográficas terem sido expropriadas dentro da própria manifestação, por pessoas que participavam dela.

Para mim o dia havia acabado. Mas tinha muita gente com adrenalina sobrando ainda. Passado aquele dia tenso sem que nada de ruim tivesse acontecido, pressenti que era hora de não dar mais sopa para o azar. Acabei indo embora cerca de uma hora depois. Em casa soube do que acontecera lá no TICEN ainda naquela noite: a segunda e maior batalha.

Ouvi diferentes versões de como tudo teria começado. Manifestantes jogando rojões nos seguranças do terminal, infiltrados jogando rojões, seguranças retirando supostos manifestantes dos ônibus e espancando-os, assim como espancando qualquer um que eles achassem que fosse manifestante e que estivesse na fila do ônibus. O fato é que se criou uma batalha entre a milícia das empresas e manifestantes, dentro e fora do TICEN. A polícia estava ausente. Havia até mesmo seguranças encapuzados perseguindo as pessoas dentro do terminal. Eles estavam fazendo muito mais do que um simples serviço de defesa de patrimônio. Perseguiam manifestantes até mesmo na rua. Pedras eram atiradas dos dois lados. A fachada de vidro da sede da Cotisa foi destruída a pedradas. A polícia só chegou bem mais tarde. A tropa de choque foi para cima dos seguranças, e não dos manifestantes, para separar a briga. A partir daí começou também uma perseguição aos manifestantes pelo centro da cidade. Mais uma vez a batalha fez Florianópolis aparecer no noticiário nacional.

No dia seguinte, sábado, houve uma reunião do movimento, ou de parte dele. Nela foram tiradas comissões: segurança, comunicação, acampamento, cultura, articulação...

Uma grande manifestação seria preparada para quinta-feira, dia 8 de julho, com fechamento simultâneo de todos os terminais. A idéia era trazer mais de dez mil pessoas ao centro da cidade às 17h, o que não é pouco para um município com pouco mais de 300 mil habitantes. O ultimato seria dado à prefeitura, se até quinta-feira a tarifa não baixasse...

A terça e a quarta seriam dias preparatórios para quinta-feira. Dia para se passar nos colégios, chamar as pessoas etc. Mas as mobilizações na frente do TICEN eram diárias, elas se

tornaram rotina, não precisavam mais de chamado, as pessoas simplesmente apareciam lá para apoiar e se manifestar.

## **Dia 5 de julho**

Era segunda-feira, depois de uma parada de fim-de-semana os protestos voltaram. As negociações na OAB estavam sendo inúteis. Não havia outro modo do movimento parar sem que as tarifas fossem reduzidas aos valores anteriores. Até porque aqueles que se sentavam à mesa de negociação não eram delegados do movimento. Qualquer um poderia se apresentar como sendo do movimento e sentar à mesa.

O clima em frente ao TICEN estava bastante calmo. Praticamente não havia policiamento e parecia que as empresas/prefeitura haviam desistido da estratégia de contratar capangas para jogar bombas entre nós. Alguns colégios do centro começaram a liberar os alunos mais cedo para que eles não engrossassem a concentração que se formava por volta de meio-dia.

Bastavam uns poucos gatos pingados sentarem-se ao chão da Paulo Fontes para que a polícia já interditasse a rua com cones. Pelo meio da tarde fomos em passeata pelo centro da cidade até o prédio da prefeitura, onde permanecemos do lado de fora por cerca de quarenta minutos. Éramos cerca de trezentas pessoas, eu acho, e a polícia nem sequer nos acompanhou – havia poucos policiais pelo centro. No caminho se cantava: “chora prefeitinha, prefeitinha chora, chora prefeitinha tá chegando a sua hora”; “não é mole não, dois e sessenta é o quilo do feijão”; “não é ladainha, três reais é o quilo da tainha”; “ilha da magia, tem que ser mago pra pagar essa quantia”; “puta que pariu, é a tarifa mais cara do brasil”, entre outros gritos de guerra.

Em frente ao TICEN um tapeceiro, morador da Armação, fez questão de parar e fazer com que o ouvíssemos. Parou para dizer que toda a comunidade da Armação nos apoiava, nos admirava e estava contente por ver que tinha gente lutando por eles, já que a maioria não podia estar na luta por, como ele, não poder escapar do trabalho. Foi o apoio moral mais profundo e emocionante que ouvi em todos os dias, tanto pela forma quanto pelo conteúdo.

O dia terminou com uma reunião no auditório da Catedral, comparecendo pessoas de várias entidades que apoiavam o movimento. Foi um culto ecumênico mais do que qualquer coisa. A grande manifestação para quinta-feira era um compromisso de todos. A cor alaranjada, por não ser de nenhum partido, foi escolhida como cor do movimento (na reunião de sábado isso na

verdade já havia sido tirado). Naquele mesmo dia à noite foi montado um acampamento no canteiro central da avenida Paulo Fontes, em frente ao TICEN.

No dia seguinte a manifestação mais destacável ocorrida no centro foi o sopão preparado no acampamento pela Comissão de Mães e Pais, para expressar o apoio que davam ao movimento. Mas houvera também apresentações de maracatú e capoeira diante do antitotem.

### **Dia 7 de julho**

Após participar da operação catraca-livre na UFSC, fui ao centro, ao encontro do antitotem.

No final da semana anterior a prefeitura se sentiu obrigada a começar a formular um discurso de revisão das tarifas, embora extremamente modesto e com a intenção de causar cisão na população. Dizia que era possível alguma redução das tarifas se estas fossem subsidiadas pelo município, mas para isso teria que tirar dinheiro do subsídio de creches e escolas. Mentirosa da prefeita: as creches já não recebiam subsídios da prefeitura, e várias comunidades já haviam protestado contra isso no último ano! A tentativa era claramente de fazer com que a população preferisse a não redução das tarifas. No início da semana a prefeitura acenou com a possibilidade de reduzir em 6% as tarifas caso o município assumisse uma dívida da Cotisa, fazendo com que as empresas não precisassem mais pagar a taxa de utilização dos terminais. Todas essas “propostas” significavam o repasse de dinheiro público para as empresas privadas. Era impressionante como o “poder público” se constituía no principal porta-voz dos interesses privados, sem a mínima consideração pelo interesse da população, nem em retórica. As planilhas de custo, forjadas pelas empresas, eram o principal argumento da prefeitura. Tratava-se para ela de uma questão puramente técnica. Segundo essas planilhas as empresas estariam operando há meses com prejuízo (sic). A escolha da planilha das empresas, e não da planilha de custo de vida do João da Silva, para calcular o valor da tarifa, certamente não é uma questão técnica. No mínimo, se essas planilhas mostravam que não se tratava de ganância e superexploração (acreditando-se que elas não eram forjadas), tratava-se então de uma incompetência administrativa sem tamanho, pois o transporte coletivo estava custando o mesmo que o transporte individual e com gasto de tempo pelo menos três vezes maior para o usuário!!!

O ultimato já havia sido dado à prefeitura. Estava sendo convocado um dia de megamanifestações para quinta-feira, um dia de desobediência civil, catraca-livre, fechamento de

todos os terminais... A cidade vivia quase um clima pré-insurrecional. O governo do estado decretou ponto facultativo para os funcionários estaduais. Sabendo disso, o mesmo fez a prefeitura em nível municipal. A sede da prefeitura não iria funcionar e os funcionários não deveriam ir trabalhar no dia 8. A Câmara dos Dirigentes Lojistas orientou os comerciantes do centro da cidade a não abrirem as portas na quinta-feira. O CEFET e o Instituto Estadual de Educação (as duas principais instituições de ensino públicas secundaristas) suspenderam as aulas para aquele dia. O mesmo fizeram todas as escolas e colégios municipais e estaduais. Havia boatos de que as empresas não colocariam os ônibus para circular. De fato vi alguns ônibus serem retirados para as garagens na noite de quarta-feira. Motoristas e cobradores pediram para não trabalhar na quinta-feira, com medo do que poderia ocorrer.

Às 19h de quarta-feira eu estava na OAB, para gravar mais uma reunião de “negociação”. Ela havia apresentando uma proposta para a prefeitura: o retorno da tarifa ao valor anterior no prazo de um mês, para que a cidade voltasse ao normal e para que nesse tempo se chegasse a um acordo. Nenhum representante da prefeitura apareceu à reunião para dar uma resposta. Havia se esgotado a mediação da OAB.

Por volta das 22:30h sai a notícia de que um juiz federal havia suspenso o reajuste das tarifas por 30 dias, a pedido da OAB. Segundo o presidente da OAB de Santa Catarina, tal medida cautelar seria preparatória para uma ação civil pública que a entidade iria impetrar na Justiça. A medida cautelar expedida pelo juiz federal teve como base o clima de combate e a onda de protestos instaurado na cidade. Mais uma vez foi ação direta em massa que fez a diferença.

A suspensão do reajuste, embora temporária, saiu pouco antes que o prazo final dado pelo movimento à prefeitura se encerrasse.

## **Dia 8 de julho**

Chuva o dia inteiro. Além disso a liminar expedida no dia anterior fez daquela quinta-feira um dia tranquilo, bem longe da possível insurreição que espreitava. Somente o terminal da trindade foi fechado. Mas mesmo com o tempo ruim e com a vitória do movimento, embora ainda um pouco incerta, mais de mil pessoas foram ao centro para a manifestação. Basicamente

ela consistiu em apresentações musicais e alguns discursos no palco, além de uma passeata por algumas ruas do centro.

O pessoal do hip hop havia organizado o show para quinta-feira. Racionais MCs, MV Bill e Gog estavam na lista dos convidados, mas apesar de não pedirem cachê para se apresentar, eles acabaram não podendo vir. Porém as bandas de rap da cidade não deixam nada a dever para as de fora. Um dos pontos mais interessantes desse movimento popular contra o aumento das tarifas talvez tenha sido essa ligação que acabou acontecendo entre os jovens do morro e os de baixo (rapers e rockers?). Difícil vê-los participando juntos dessa forma, numa mesma causa, num mesmo momento.

Voltando para casa, um integrante de uma das bandas de rap morreu na Via Expressa num “acidente de carro”. Estranhamente nada foi noticiado pela mídia, algo incomum quando se trata de morte no trânsito em Florianópolis.

A liminar que suspende o aumento da tarifa foi a deixa para a prefeitura sair menos mal de uma situação insustentável. Logo ela informaria que não iria tentar cassar a liminar, com o discurso de que “a justiça é para ser acatada, e não discutida”. A não cassação da liminar e tal discurso deixam claros que a prefeitura se via obrigada a revogar o aumento das tarifas pela força da ação direta e desobediência civil popular. A liminar fez com que as tarifas fossem reduzidas sem que a prefeitura tivesse que admitir que perdera a queda de braço com a população insurgente: a redução da tarifa teria sido assim, pelo que quer fazer transparecer a prefeitura, consequência de obediência à Justiça e não de um constrangimento vindo da ação direta nas ruas. No final das contas, a liminar safou a prefeitura de uma derrota pior e mais explícita.

A mídia, numa tentativa de minimizar o efeito pedagógico que essa vitória da população organizada e em ação direta certamente produziu e produzirá, não pára de publicar matérias nas quais se diz que serão cortadas linhas, diminuído horários e haverá uma queda da qualidade do serviço (que não consigo imaginar no que exatamente consistiria já que o serviço já é péssimo). A mensagem que os órgãos da grande imprensa tentam passar é de que o povo nunca ganha, de que é impossível lutar e ganhar dos tubarões do capital; se o povo arranca algo de uma mão logo eles retomam com a outra. Essa luta, mesmo pontual, talvez não tenha acabado, portanto.

Sexta-feira, dia 9 de julho, Florianópolis voltou a ser a mesma cidade chata de sempre, aparentemente. Só aparentemente, porque sem dúvida a guerra da tarifa ficará na memória coletiva, e a experiência de uma vitória nas ruas ficará no imaginário. Pelo menos por uma



geração não haverá mais aqueles que dirão que não adianta protestar depois que as coisas estão “consumadas”. Embora a oligarquia tenha escapado do dia 8 de julho, que poderia ser muito bem nosso 1789, ela sofreu uma derrota histórica, que pode ter sido o início de sua queda definitiva. Mais do que o valor anterior da tarifa, o povo retomou sua força coletiva, a consciência de sua capacidade. Algo que vai muito além de cifras.

É nesses momentos de luta que aparecem os contornos de uma “luta de classes”, onde pólos antagônicos se tornam bastante nítidos. Mais do que nunca, parece que hoje em dia as classes só existem na luta. Uma política de classe, ou classista, se quer ter algum sentido, só pode ser uma política de luta social, e não uma política identitária. Só é possível um reconhecimento de classe quando se está imerso na luta, e não antes disso. O reconhecimento do pertencimento a uma classe não é pré-requisito para a luta, mas sim o contrário, a luta é que é um pré-requisito para o reconhecimento de pertencimento a uma “classe”.

## **Parasitas**

Quando um movimento ganha força e proeminência aparecem certamente não poucos parasitas para tirar proveito. Existem vários tipos de parasitas de movimentos. Existem aqueles que não acrescentam nada e só sugam. Existem aqueles que de fato ajudam, mas também tentam utilizar o movimento em benefício individual e de sua organização, mesmo o prejudicando em certo sentido. Existem ainda aqueles que embora não sendo parasitas, caem de pára-quadras e, por não terem a devida humildade para ouvir mais do que falar, acabam contribuindo mais para embolar o meio de campo do que qualquer outra coisa.

Bandeiras de partidos sempre foram rechaçadas por todos os manifestantes. Parece que o pessoal do PSTU não entende que a única coisa que eles conseguem com suas bandeiras é atrair a antipatia de todos. A UJS por sua vez tenta, com verba destinada ao movimento, produzir material próprio. Tenta também utilizar o mesmo design de um logo do movimento para o logo da sua sigla. Patifarias de grosso calibre acontecem, mas não jogarei a merda no ventilador aqui, até porque foram elementos desprezíveis em número e em caráter que as produziram. Mas estejamos sempre atentos.

## **Mídia**

Desde o primeiro dia de manifestações até o momento, a grande imprensa de Florianópolis tem sido porta-voz incondicional da oligarquia e dos interesses das empresas de transporte. O conservadorismo, o reacionarismo, beirando o fascismo, de articulistas e comentaristas de TV locais deixou mais que explícito o caráter da imprensa catarinense. Era a mídia, dizendo explicitamente o que a prefeitura não podia dizer, que pedia repressão aos manifestantes. Tudo, é claro, em nome do “direito de ir e vir” e da “liberdade de locomoção” (evidentemente era exatamente por esse “direito de ir e vir” e pela “liberdade de locomoção” que parte da população tinha tomado as ruas, afinal o tal direito de ir e vir estava caro demais: seis reais!!!).

A prefeitura só podia contar no final das contas com a mídia, que lhe foi mais que fiel o tempo todo. Procurando os juristas mais conservadores para darem as opiniões mais fascistas e distorcendo e mentindo deslavadamente sobre as manifestações e sobre o transporte coletivo a mídia fez o que pôde, mas inutilmente, para derrotar o movimento e confundir a população. Sem dúvida a análise das reportagens e comentários que apareceram na grande imprensa de Florianópolis durante o movimento contra o aumento da tarifa poderia encher dezenas de páginas. Em suma, a mídia foi mais canalha e fascista do que a própria polícia e o governo do estado.

Pressionada pela revolta popular a prefeita Ângela Amim gastou milhões de reais do dinheiro público para comprar horários comerciais inteiros nas TVs locais para explicar o inexplicável, divulgar suas mentiras e tentar confundir a população.

Mas o movimento também tinha sua mídia. A Rádio de Tróia, uma rádio livre com alcance nos bairros em volta da UFSC, divulgava notícias e informes das manifestações, muitos ao vivo. O Centro de Mídia Independente teve um destacado papel. Além da publicação de reportagens, informações, fotos e vídeos no site, praticamente todos os dias saíram o CMI na Rua: uma página A4, com tiragem de várias centenas de exemplares, contendo as informações do que acontecera no dia anterior, do ponto de vista do movimento. O próprio chamado para a manifestação do dia 28 de junho foi feito também com colaboração do CMI na Rua, colado às centenas pela cidade. O site do CMI foi referência para o movimento, e mesmo para quem, na cidade, simplesmente queria acompanhar o que acontecia. Foi tão importante e tão acessado que soubemos, por fontes seguras, que houve tentativa de hackeá-lo por parte das forças conservadoras, capitalistas e

reacionárias contra as quais lutávamos. Além da Tróia e do CMI havia também o projeto Sarcástico ([www.sarcastico.com.br](http://www.sarcastico.com.br)), cobrindo as manifestações.

Todo material informativo produzido pelo movimento era muito bem acolhido e até mesmo procurado pela população, que parecia não engolir o discurso da prefeita e da grande imprensa, esperando ler algo que se adequasse à sua experiência cotidiana como usuário explorado e humilhado pelas empresas de transporte coletivo. Panfletos foram produzidos de forma autônoma, sem sequer assinatura de siglas ou pessoas.

No dia 7 de julho saíram 100 mil cópias do Jornal do Ônibus, do Fórum de Transporte, desfazendo as mentiras pregadas pela Ângela Amim e pela mídia em relação ao tema. Na noite de 8 de julho saíram ainda 4 mil cópias do jornal do movimento, distribuídos no dia seguinte.

## **Repressão**

A atuação da polícia foi um tanto dúbia e contraditória durante os dias de manifestação. A agressividade é algo inerente a sua própria função. Função essa que sabemos muito bem é também a de reprimir movimentos sociais, como em qualquer parte do mundo. São sim e sempre foram cães de guarda da burguesia, e quando soltos por seus donos vêm morder babando de raiva.

Nos primeiros dias a polícia se mostrou mais preocupada em nos reprimir, muito embora não com o mesmo afínco que teria se estivesse na mão do governo anterior, isto é, do Esperidião Amim (PP). O que não significa também que ela não tenha operado todas as barbaridades típicas e dignas da polícia: espancamentos durante a prisão, no caminho para a delegacia, dentro da delegacia e mesmo depois do indivíduo ser liberado. Spray de pimenta nos olhos de crianças de 9 e 10 anos de idade, ou de adolescente de 14 anos já imobilizada, intimidações a pessoas que procuravam presos em delegacias etc. etc. No entanto, não tenho dúvidas de que se a polícia estivesse sob o comando do PP e do marido da prefeita a ordem seria usar de toda violência necessária para dispersar qualquer manifestação e não nos deixar ocupar qualquer via. No passado, a polícia do PMDB espancou aposentados que se manifestavam na ponte... Mesmo que ela na mão do PMDB tenda a bater menos que na mão do PP ou PFL, só isso não explica a sua atuação. Talvez um certo liberalismo do governador do estado, do secretário de segurança pública e mesmo do comandante geral também tenham entrado em jogo. Mas o principal provavelmente

tenha sido a conjuntura e o interesse político, e o fato da reivindicação ser nitidamente legítima, mesmo para setores inerentemente conservadores como a própria polícia e políticos de primeiro escalão. O fato das manifestações contarem em grande parte com adolescentes brancos de classe média teve um peso fundamental também quanto ao teor da repressão. Certamente o governo do PMDB, e talvez a própria polícia enquanto instituição, não quis sujar suas mãos e sua imagem com sangue de adolescentes brancos de classe média. Uma repressão um pouco mais forte poderia ter ocasionado mortes, e o governador não gostaria de ser lembrado por isso. Seria demais ficar com esse ônus por causa das cagadas e roubalheiras dos Amim.

A partir do dia 1 de julho a polícia não demonstrou nenhuma vontade de reprimir as manifestações. A ordem, segundo o secretário de segurança pública, era apenas acompanhar onde fôssemos. E na semana seguinte às vezes nem sequer isso a polícia fazia. O governador, respondendo a toda a pressão da mídia para reprimir os manifestantes, dizia resoluto que “no meu governo a polícia não vai bater em estudante”. A função da polícia não era reprimir movimentos sociais dizia o alto comando da polícia e as autoridades do estado. É claro que havia interesse político que assim o fosse nessa ocasião.

Certamente se o Esperidião Amim tivesse sido reeleito a história teria sido bem diferente. Para fazer tudo que fizemos no mínimo teríamos que ter entre nós muita gente disposta a arriscar a vida em enfrentamentos encarniçados com a polícia. Fechar a ponte? Só depois de ganhar uma verdadeira guerra contra uma tropa de choque.

As últimas eleições foram as primeiras em que votei, isto é, em que não “anulei” meu voto. Fazia questão de dizer para meus amigos anarquistas, entre outros, que havia votado no segundo turno, para governador, no PMDB (contra o PP do Amim). Evidentemente eu choquei meus companheiros anarquistas ao dizer isso, assim como colegas de extrema-esquerda. Na época eu simplesmente dizia: “votou no PMDB porque a polícia tende a bater menos com o PMDB do que com o PP”. Sim, aqueles que ficaram chocados e me zoaram na época agora sabem que têm que baixar a cabeça. Se existe algo atualíssimo, totalmente pertinente, dentro do anarquismo, é a sua crítica ao sistema eleitoral, à democracia burguesa, ao poder (político, econômico etc.). Essa crítica feita pelos anarquistas clássicos é, para mim, o grau mais elevado da ciência política. Mas isso não significa nos fecharmos em dogmatismos, isto é, votarmos nulo como reforço de uma identidade anarquista, como se a prática política anarquista consistisse em votar nulo. O anarquista inteligente sabe jogar com a conjuntura política. E isso não significa se enfiar no lodo

da corrida eleitoral e da política eleitoreira, fazendo campanha ou concorrendo a eleições. O voto nulo não mudará uma vírgula na sociedade. O voto em alguém também não. Mas dependendo de quem estiver no executivo, ou no legislativo, podemos ter mais margem de manobra para levarmos adiante as práticas que realmente mudarão alguma coisa. Os anarquistas espanhóis votaram em 1936 para que os presos políticos fossem soltos, provavelmente muitos anarquistas votaram em Chirac para que Le Pen não fosse eleito e provavelmente muitos votarão em Kerry para que Bush não seja reeleito. Para Noam Chomsky, se uma criança a menos morre de fome num governo Democrata, isso já justifica seu voto por eles, em detrimento dos Republicanos. Se posso, sem detrimento das práticas que buscam eliminar a tirania da sociedade, com um gesto simples e que não me tira energia, contribuir para que, enquanto ainda não eliminamos a tirania, estejamos sob um tirano menos pior, por que não o faria?

### **Sobre “violência”**

Disse anteriormente que se as manifestações começaram a atrair, no centro da cidade, em certa altura, não somente indivíduos e jovens de classe média, certamente foi porque elas não se restringiram a passeatas com balões coloridos e algodão doce. Se apareceram jovens dos morros, negros e brancos, foi porque eles perceberam que havia um movimento constante na rua ao qual poderiam se unir e porque nele viam oportunidade de expressar sua indignação e seu protesto. E obviamente aqueles que sofrem a violência econômica e social e a opressão do dia-a-dia de forma mais crua e nua, irão expressar sua revolta de forma também mais violenta, crua e nua. Não é segredo nem mesmo na Europa e EUA que os grupos que praticam as ações mais “radicais” em manifestações, seja destruição de propriedade ou enfrentamento com a polícia, são os que atraem os jovens das camadas mais pobres. Através dessas ações e grupos, eles encontram a forma de expressar seu protesto.

Certamente não é interessante que alguém preparado para enfrentar a polícia, ou com intuito de quebrar algo ponha em risco os outros manifestantes que estão ali despreparados para se proteger da reação policial. Certamente pode não ser inteligente ou estratégico deixar a entender publicamente que se compactua com a “violência” de alguns manifestantes ou de parte deles. Mas condenar dentro do próprio movimento essas formas de expressar a revolta e o protesto com base em preconceitos moralistas também não faz sentido. Primeiro porque isso tende a alijar uma

camada da população das manifestações, tendendo a que elas se restrinjam unicamente a uma classe média – o ideal é que aja espaço para todas as formas de expressão da revolta, sem que se comprometam entre si. Segundo porque esses atos costumeiramente chamados de “baderna” ou “violência”, desempenham, geralmente, um importante papel. Mostram claramente aos poderes contra os quais lutamos que as pessoas estão saindo cada vez mais da disciplina que sustenta a ordem, sem medo de pôr algo a perder. Um movimento social que não demonstra capacidade de radicalização é um movimento social morto, ou ao menos domesticado, que já não oferece ameaça e perigo ao poder. E o poder só cede por medo.

Uma condenação pura e simples de certas formas de ação não tem outro fundamento que uma certa moral fundada na educação em meio a um grupo ou classe social. Dito mais claramente, é fruto de um moralismo pequeno-burguês incapaz de compreender as formas de expressão de camadas mais pobres que vivem uma realidade diferente no seu dia-a-dia.

### **Caça às Bruxas**

A prefeitura preparou um dossiê com trechos de mensagens que circularam na lista de discussão eletrônica da Campanha pelo Passe Livre. O documento foi posto em circulação no dia 6 ou 7 de julho. Tentando “incriminar” principalmente a JRI, ele trazia uma coletânea de jargões comunistas e revolucionários. Assinado pela própria prefeita, o dossiê expunha tanto um “complô revolucionário” para arrepiar os cabelos de toda velhacaria da época da ditadura, quanto expunha toda a velhacaria ditatorial da prefeitura com seus procedimentos de monitoramento de listas de discussão de adolescentes para arrepiar os cabelos de qualquer liberal sincero. Depois de lerem o dossiê, assessores da prefeitura fugiam em seus carros ou nem sequer iam ao trabalho ao saber que uma manifestação se dirigia ao prédio da prefeitura; tudo por medo de serem “degolados”, afinal, aqueles que se chamavam entre si de “camaradas”, queriam “tomar o poder”.

O fato é que a onda de protestos e revolta atraiu para a cidade agentes da CIA espalhados pelo Brasil, e, ainda mais grave, o ódio de uma oligarquia e de uma máfia que comanda a cidade. Certamente dezenas de pessoas envolvidas com o movimento (principalmente as da JRI/Campanha pelo Passe Livre) já estão cientes de que estarão sendo monitoradas, grampeadas e sujeitas a receberem ameaças. Um outro membro da JRI sofreu uma ameaça de morte na rua onde mora de um policial fardado e com identificação, que apontou uma pistola para sua cabeça

dizendo “você é o próximo”, para espanto dos seus amigos que testemunharam a cena. Um membro de uma associação comunitária do norte da ilha teve que se jogar no mato ao perceber que estava sendo seguido por um automóvel. Um dos seus cães de estimação foi morto e o outro está desaparecido.

Enquanto isso várias outras pessoas participantes do movimento receberam também o interdito proibitório.

Estejamos alerta.

### **À guisa de continuação**

O movimento já foi uma vitória em si mesmo. E ainda conquistou a sua reivindicação central. Modificou o imaginário popular. Enfrentou as forças mais conservadoras da sociedade catarinense e lhe impingiu uma derrota. O povo daqui agora sabe que é possível conquistar o que se deseja através da mobilização e da ação direta. Isso se vê nas ruas.

As lutas anti-estradas nos anos 90 na Inglaterra, e em especial a da M11, por exemplo, deram origem ao Reclaim The Streets. Como será a continuidade e a evolução desse movimento ainda é cedo para se saber.

Nos primeiros dias de manifestação, um comentarista ultraconservador e fascistóide de uma TV local, ladrava coisas do tipo: “essa gente que fica sentada dois dias no chão não trabalha não?”, e “essas crianças deviam estar na escola”. Quando o antitotem que pode aglutinar a contestação passa a estar fora da “fábrica”, o trabalho passa a ser antes de tudo um meio de controle social. Se tomar as ruas, interromper o fluxo – como fazem bem piqueteros na Argentina e *street reclaimers* na Inglaterra – ganha ares de greve social na virada do milênio, é porque o capital já não pode ser identificado ao local de “produção”, já não há separação entre produção, circulação e reprodução: a criação de valor está difusa em todas as relações sociais, em todos os espaços.

Mané Ludd – 13 de julho de 2004